Capítulo 1: Como Conheci Minha Esposa

Desde que me mudei para o exterior, namorei principalmente na Colômbia e no Rio, quase sempre sem um idioma em comum. As pessoas costumam perguntar por que prefiro namorar na América do Sul. Geralmente respondo que minha principal linguagem do amor é o toque físico e que, na minha experiência, as mulheres que conheci aqui são abertamente carinhosas desde o primeiro encontro. Os sinais de que ela está a fim de você são tão claros que até um nerd socialmente desajeitado consegue detectá-los. É um olhar demorado ou alguém segurando seu rosto e te beijando.

Nenhuma história ilustra isso melhor do que o meu relacionamento mais longo no exterior. Deixa eu montar o cenário. Um amigo me convidou para tomar uns drinques numa noite qualquer de semana. Não sou muito de vida noturna nem de beber, mas gostei de passar um tempo com ele, então topei. Fiquei com fome e entediado no lugar original, então atravessei a rua para jantar sozinho no balcão de outro bar. Enquanto comia, percebi um grupo se formando. Imaginei que fosse uma festa de aniversário. O grupo foi crescendo, então me recostei e curti um dos meus hobbies favoritos: observar gente.

Em algum momento, uma mulher estonteante se juntou ao grupo, e foi aí que realmente comecei a prestar atenção. Lembro até da roupa dela: uma blusa branca e uma calça muito azul. Eu não conseguia tirar os olhos dela. Fiquei observando a dinâmica do grupo e pensando em como eu poderia me aproximar.

Lembre-se: sou um cara socialmente desajeitado. Eu com certeza não ia entrar num grupo de trinta pessoas e dizer à mulher mais linda do lugar o que eu pensava dela. Fiquei sentado no balcão com uma bebida por um tempo, bolando um plano. Depois de um minuto, tive a ideia.

De tanto observar, notei que um homem do grupo era muito extrovertido e simpático. Estava sempre sorrindo, e todo mundo o cumprimentava com carinho. Vi inúmeras pessoas saírem das conversas com ele sorrindo e felizes. No começo senti um pouco de inveja. Quem dera eu ser esse tipo de pessoa. Presumi que fosse aniversário dele, mas aquela alegria parecia mais do que um aniversário poderia explicar.

Minha ideia era simples: pagar uma bebida para esse cara. Ele era claramente a alma da festa e tinha o dom de aproximar as pessoas. (Sempre que tento organizar um programa especial, acabamos sendo só eu e meu melhor amigo brincando sobre como o resto dos nossos amigos é chato e nunca aparece.) Pagar uma bebida para a moça poderia parecer direto demais, e eu não tinha como saber o estado civil dela nem se ela estava com alguém do grupo. Pagar uma bebida para um homem parecia muito mais seguro.

Executar o plano foi um pouco mais difícil. Não falo português, e eu queria que a bebida preferida do cara fosse enviada a ele, com o barman dizendo que era de mim. Acho que isso é bem comum nos Estados Unidos, mas nem tanto no Rio. Eu me esforcei para explicar ao barman o que estava fazendo, com a ajuda do Google Tradutor. Por fim, fiquei 80% confiante de que ele tinha entendido, e esperei pacientemente enquanto meu plano começava a se desenrolar.

Foi uma jogada ousada. Até hoje nunca paguei uma bebida do nada para um estranho do mesmo sexo. Vi o garçom entregar a bebida, tentando não ficar encarando. A entrega demorou visivelmente mais do que eu esperava, o que presumi que significava que era difícil de explicar. Por fim, vi um gesto na minha direção e senti alívio por a minha jogada de abertura ter funcionado. Agora era esperar para ver o que sairia disso.

[T], sendo o ser humano incrível que é, se separou do grupo na hora para vir me cumprimentar. Foi um alívio enorme ele falar inglês. Ele era extremamente charmoso, articulado e simpático. Foi então que percebi que eu tinha pago uma bebida para um homem gay. O plano estava funcionando, só que não no alvo pretendido.

T e eu conversamos um pouco, e ele me convidou para entrar no grupo deles, o que fiz. Eu estava um passo mais perto de conhecê-la. Agora só precisava me integrar ao grupo e dar o meu passo. Conversei com as pessoas que falavam inglês e observei de longe a dinâmica do grupo. Quando vi T conversando com ela e com outra mulher, fiz questão de ser apresentado. Foi meio sem graça. Ela me cumprimentou com simpatia, mas logo voltou à conversa com a amiga. Concluí que ela não estava interessada e mantive distância.

Depois de um tempo, percebi que ela foi ao banheiro. Nos cruzamos, sorrimos e trocamos olhares pelo espelho enquanto lavávamos as mãos. Interpretei isso como abertura para conversar, então simplesmente perguntei se ela falava inglês. Ela disse que não. Saquei o celular e começamos a trocar um papo leve passando o aparelho de um para o outro, tipo narrar um encontro ao vivo no Twitter. Isso me deixou mais à vontade, dados os meus anos de namoro online, mas era uma versão muito mais gostosa do mesmo.

Um contexto que só descobri depois: beijar em público é bem comum no Brasil. Se vocês têm uma boa conexão, demonstrações públicas de afeto são incentivadas. Brinco com turistas de primeira viagem que é o equivalente a um aperto de mão com mais fluidos corporais. Não são selinhos; são verdadeiras batalhas de língua. E se você não beija a mulher logo, as pessoas costumam achar que você é gay.

A conversa foi rolando por um tempo. Brincamos que todo mundo achava que eu era gay porque eu tinha pago uma bebida para o T, e eu confessei que era um plano para conseguir ser apresentado a ela. Depois de uns trinta minutos de flerte pelo Google Tradutor, ela perguntou,

aparentemente do nada, se eu queria beijá-la. Sorri, disse que sim, claro, e a gente se pegou. Eu queria desde o início. Só estava envolvido demais na conversa para pensar nisso.

E sim, caso você esteja se perguntando, ela acabou virando minha esposa.